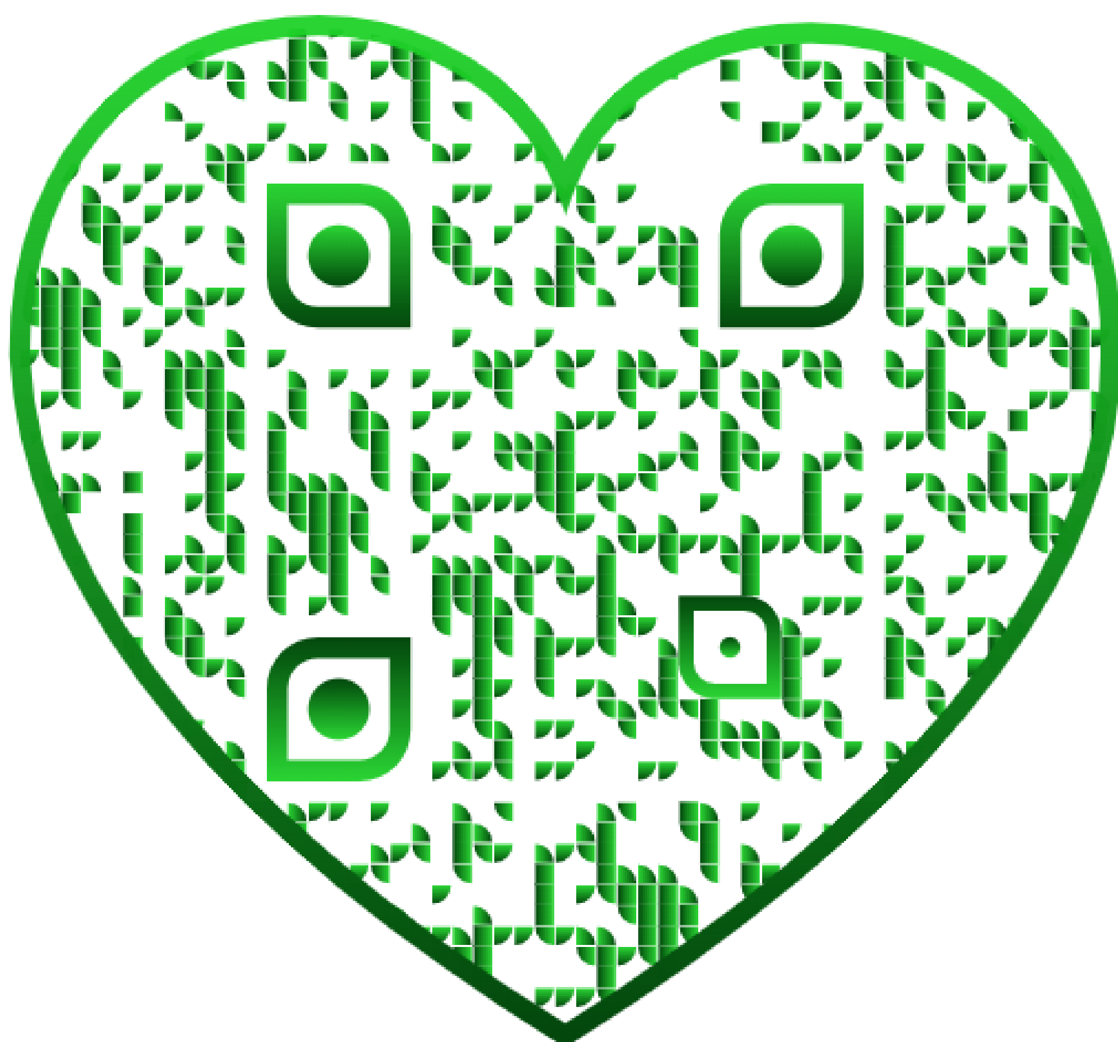
No coração da Noite

Um conto de

Danilo Barbosa



PERIGOSAS

NO CORAÇÃO DA NOITE

Danilo Barbosa

Copyright © Danilo Barbosa

Edição Digital

Revisão: Lilian Fariass

Diagramação digital: Kacau Tiamo

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte dessa obra sem o consentimento por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens e situações aqui narradas são fruto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com a realidade é

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

mera coincidência.

Sumário

CAPÍTULO 1 5

CAPÍTULO 2 7

CAPÍTULO 3 10

CAPÍTULO 4 12

CAPÍTULO 5 14

CAPÍTULO 6 17

SOBRE O AUTOR 22

FALE COM O AUTOR: 23

OUTROS TRABALHOS DO AUTOR NA AMAZON: 24

CONTOS DE CARNAVAL 24

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

UM TOQUE DE SOLIDÃO 26
ARMA DE VINGANÇA 28
TRÊS FORMAS DE AMOR 30

Para os que são apaixonados pelas sombras da noite.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

CAPÍTULO 1

No coração da noite, minhas lágrimas se misturam à chuva que cai na escuridão.

Cercada pelo lamento das lembranças mortas, minha alma em luto tentava me dar forças para seguir com os próximos passos. Os pés descalços, os sapatos perdidos em meio ao trajeto pela cidade imersa na penumbra, as meias rasgadas a sustentar a carne ferida que jaz, indiferente, adormecida pelo frio.

Vagueio pelas ruas mortas da pequena cidade que conheço desde a mais tenra idade, como uma alma penada à procura de seu descanso eterno. Miro as portas fechadas e observo o bruxulear das velas através dos vidros embaçados das janelas, capazes de oferecer uma parca visão da vida que um dia eu tive.

Murmuro, em prece, que eles não venham às portas, que sigam suas vidas e cultivem seus sonhos tolos. Prefiro que as almas inocentes permaneçam indiferentes à minha passagem. Clamo que apenas os fantasmas e demônios acompanhem esta coitada, a pequena viúva de pele pálida como a lua, vestida de negro e tempestade. Aquela que segue adiante a fim de aplacar a dor, puxando o velho carrinho de ferramentas, as rodas oscilantes mergulhando na água barrenta.

CAPÍTULO 2

Nunca mais...

Eram as únicas palavras que eu murmurava, cabeça em turbilhão, tomada pelo desespero. A cada raio que rasgava os céus, olhava esperançosa para cima, esperando que Deus ou o Diabo me abençoassem com vislumbres do outro lado, só para que eu pudesse ver mais uma vez o semblante de Edgar, o meu grande amor, a sorrir para mim, aprovando o nefasto gesto que estava próxima de perpetuar.

Ergui o rosto, deixando que as gotas inundassem meus olhos e boca. Fitando a escuridão, pedi que a Dama Negra por mim intercedesse:

– Amada morte, aquela que é mãe e amante, que a todos leva nos braços, eu te rogo: se o que eu estiver fazendo é certo, permita que os véus se rasguem, as realidades se fundam e que o homem das minhas lembranças volte ao meu lado. Para que eu o lembre mais uma vez...

Para nunca mais, alguém pareceu sussurrar em meu ouvido no mesmo instante, completando o meu pensamento, como se transformasse o meu lamento em benção. Pelo canto dos olhos nublados pela tempestade, penso ver um vulto a acompanhar-me, passos unidos aos meus, parecendo disposto a deixar o meu fardo mais leve.

Será aquele que pedi, vindo do passado para libertar-me? Não tenho coragem de fitá-lo, por receio de que desapareça ou constate, desalentada, que seja apenas o reflexo das gotas advindas do céu sobre as árvores. Mas não hesito em murmurar seu nome em meio à torrente chuvosa:

– Edgar, meu noivo amado, bem-vindo de volta.

Olho para os pés em atitude servil e um raio torna a arrebatar os céus, iluminando-me as saias manchadas pela terra que parece sangue. Fecho os olhos e sigo em frente, a alma já ciente do caminho a seguir. A silenciosa

presença ao meu lado parece se fortalecer, e sorrio por fim, a boca em um esgar esquisito, pontuando o meu rosto, que há muito não demonstra o tênue e raro sentimento da felicidade. Quase posso ouvir chamá-lo meu nome – Eloise – da mesma maneira que fazia nas noites ardentes de amor.

Minha pele arrepia-se sob a chuva.

– Agora sei que está comigo, Edgar – murmuro ao vento. – Sua presença só me dá a certeza de que não posso hesitar.

CAPÍTULO 3

Nunca mais.

No coração da noite, abro os olhos e meu ser se recobre de estrelas.

A lua aparece em meio as nuvens e posso ver que estou chegando. Logo adiante, as cruzes e as asas dos anjos erguem-se da grama, como se protegessem os mortos de nossas lembranças. Pena que muitos se esquecem que são os nossos pensamentos, permeados de saudade, que não os deixam desaparecer.

Subo a ladeira, com força redobrada, parando de vez em quando para puxar o carrinho que atola na estrada de lama. Ignoro os músculos a latejar, as pegadas de sangue que deixo do cascalho, as corujas que, entremeadas entre as folhas, parecem me dissecar com os olhos. Não preciso temer já que não estou sozinha. Edgar está comigo.

– Não tenho medo do fogo do inferno, do peso do pecado ou da minha punição. Seguirei com o que comecei em nome do meu amor por ti, meu Edgar. Mesmo que passe por olhos e furacões, raios e heresias, lamúrias e lamentações. Em breve, você será somente meu novamente. E desta vez ninguém ficará entre nós.

Passo em frente à capela e me persigno, as mãos percorrendo a pele fazendo o sinal da cruz, e contorno o cemitério. O carrinho está cada vez mais pesado, o corpo entorpecido apesar da mente desperta, convidando-me a desistir de tudo, apenas por um instante que fosse, e me deitar ali mesmo, apoiada em uma lápide qualquer, deixando que a terra me envolvesse, me conduzindo ao esquecimento.

CAPÍTULO 4

– *Nunca mais*, a voz dentro de mim insiste, despertando-me.

– Nunca mais irei esmorecer – completo o pensamento, de cabeça erguida, afirmando a noite o meu intento. Puxo o carrinho, cansada e exaurida, buscando forças – Ajuda-me, Edgar. Torna este fardo mais leve – peço em um grito, a voz explodindo boca afora, tomando forma, vulto, despertando os mortos que me rodeiam e me amparam – Me torne leve, livre dos pesos que a consciência só proporciona aos vivos.

Corro em meio a chuva até o lugar desejado, a cruz branca sem nome a testemunhar o passar das eras, como braços suplicantes a pedir o utópico descanso eterno. Largo o carrinho e, com as mãos livres, danço como fazia ao lado de meu amado Edgar, na primavera dos nossos anos. Numa época em que as suaves mãos dele tocavam a minha face.

– Minha adorada Eloise – ele me chamava, seus lábios a se aproximarem dos meus, prestes a me inebriar com beijos – Sempre serei teu, apenas teu. – Você sempre será parte da minha alma, Edgar. Até que a morte me leve. – Os que amam não pensam na morte, adorada. Celebram a vida. Eu sorria e me aconchegava em seus braços, em perfeito encaixe.

Como seria possível para a adorada Eloise perder o seu Edgar?

Na escuridão da noite, minha alma se recobriu de névoas.

CAPÍTULO 5

Pego com dificuldade a pesada pá que está jogada no carrinho. Ergo-a, respiro fundo e abro a primeira ferida na terra. Como se ouvisse o clamor do solo, a chuva arrefece, acalma, permitindo aos poucos que a escuridão volte a ser povoada com os seus ruídos.

Em um galho próximo, um corvo pousa e me observa, olhos refulgindo em meio as trevas a me provocar arrepios. Sua cabeça se move, sonda, como se suas garras pegassem o meu coração e o levassem até seu bico, devorando as minhas carnes em busca da verdade. Mas o rejeito com um meneio de cabeça e violo o chão aos meus pés.

Nunca mais sentir seus beijos, doce Edgar? Como poderia? – começo a confessar os meus desejos aos mortos. Em seu silêncio, eles nunca irão me julgar – Deixar a pele viver com fome de ti, das mãos a correr pelas minhas costas? Lembro-me dos teus cabelos anelados e castanhos acima dos ombros, os olhos acinzentados que brilhavam como sóis ao me ver pela primeira vez, no baile da Paróquia... Aquela na qual nos casamos poucos anos depois.

Nunca mais me perder em seu corpo, Edgar? Como poderia negar os apelos que sua paixão me acendeu? Os beijos roubados nos cantos, os lábios a correr o colo, a mão a tocar a levantar-me as saias e subir-me entre as coxas, me proporcionando sensações que me deixam vermelha só de lembrar. Como resistir a você a me chamar de adorada? Como não ir contra todos e aceitar ser sua esposa, meu querido?

Nunca mais, Edgar. Como abandonar o homem que eu criei nos meus sonhos? Aquele que pensei que seria para sempre.

Quando saio dos meus devaneios, as horas passaram e nem sequer percebi. Estou acocorada na vala rasa, a pá jogada em um canto, acompanhada apenas do corvo, que não deixou o seu posto. Respiro fundo e saio do buraco, suja de

terra que se une ao sangue seco que mancha minhas vestes. Sentia-me novamente uma criança, recebendo a vida, disposta a começar uma nova existência sem o meu amado Edgar. O homem romântico, fiel e gentil, que pertenceu ao meu passado. Aquele que a sutil presença vivera apenas na minha mente delirante. Aproximo-me, finalmente, do carrinho. Fito o saco de aniagem que até então ignorara, cercada de mágoa e desprezo. Me debruço e aproximo o rosto do pano aspirando com satisfação o cheiro de sangue e medo que emana por ali. O odor da morte.

– Por que tiveste que mudar, querido Edgar? Meu amor não era o suficiente para ti? – o acuso, com amargura.

Levo o carrinho até a beirada da vala. Viro-o, jogando o saco desajeitadamente no chão. Abro sua ponta e deixo que seu conteúdo caía no fundo da vala. É chegada a hora de destilar toda a minha mágoa sobre quem merece.

CAPÍTULO 6

Nunca mais, Eloise – digo, tentando imitar Edgar e sua voz grave. – Era isso que me dizia ao pedir perdão, depois que feria com seus punhos a minha face. Prometia nunca mais me maltratar e, na noite seguinte, me jogava sobre a mesa, esfolando a minha face sobre a madeira sem polimento. Eu me transformava em uma boneca em trapos após satisfazer a sua fúria provocada pela bebida.

Nunca mais, Edgar, esperarei pelos seus beijos, carícias e demonstrações de afeto. Como ansiei por estes gestos que me fizeram feliz antes que eu dissesse o famigerado sim diante do Altíssimo. Mas poderia imaginar que você não queria o meu amor? Desejava apenas o dinheiro proporcionado pelo meu pai para sanar suas dívidas de jogo, não é? Como iria descobrir que meu amor nunca seria retribuído?

Nunca mais irei te ver me traindo, querido Edgar. Não verei você destruir todos os laços que construí com amigos e familiares. Não obedecerei aos teus desmandos ou chorarei a cada vez que rasgar um vestido meu por não achar apropriado. Não me proibirá mais de ver os que amo ou me fará chorar em silêncio, com o coração dilacerado, diante de cada criança que não consegui segurar em meu ventre.

Nunca mais serei vítima de teus abusos, odiado e amado marido.

Olho para o fundo da terra, sem tremer ou piscar diante da cena que se apresenta à minha frente. Entranhas e pele se misturam, dando ao velho corpo uma nova forma. Mãos, braços e pernas se perfilam, lado a lado, junto a alvura dos ossos de uma costela. A perna pálida poderia sair caminhando, se não tivesse separada do pé! Do corpo, garboso e vistoso que Edgar tanto gostava de exibir só resta a lembrança.

Nunca mais, amado e maldito Edgar, irei hesitar em dar o primeiro golpe.

– continuo a desabafar, já de joelhos, lágrimas e chuva a escorrer pelo rosto – Quando chegou em casa e me bateu novamente esta noite, jurei que iria me aquietar e permitir que a sua fúria passasse, como sempre fazia, as mãos acobertando a boca que ansiava em gemer. Mas quando você declarou que nunca me amou, que nosso casamento tinha acontecido apenas pelo dinheiro, uma ideia começou a surgir em meu peito. A cada lanhada, sua voz me chamava de fria, feia e digna de pena. Gritava, com o hálito fétido, que para se livrar do meu cheiro precisava procurar pelo perfume das meretrizes. Foi naquele instante que algo em mim se partiu para sempre. E decidi que bastava.

Nunca mais irei esquecer o seu rosto, Edgar, quando o machado que eu empunhava cortou a sua cabeça, separando-a do corpo. A lâmina o atingiu repetidas vezes enquanto eu, em completa insanidade, gargalhava e chorava esperando que sua carne convulsa esfriasse, dividida entre o medo de falhar e a sensação iminente da liberdade. Afinal, pode o pássaro que passou a vida inteira engaiolado acreditar na leveza do vento? – cuspi em sua cabeça que fitava o nada, pálida, os lábios abertos como se tentasse se desculpar – Esta é a última vez que te olharei nos olhos, maldito. Gostaria que ainda estivesse vivo, pleno em suas faculdades, para sentir quando os vermes devorarem os seus olhos.

Olho para o corvo que, por fim, levanta voo, sumindo em meio ao breu do céu, em sua hora mais densa. E enquanto começo a jogar a terra de volta a seu lugar, encerro a minha confissão:

Nunca mais irei te dividir com ninguém, querido Edgar, como eu sempre desejei – digo, com um sorriso triunfante nos lábios. – Para os outros, serei apenas mais uma viúva, a mulher abandonada, aquela enjeitada para quem o amor transformou-se em martírio. Mas só eu sei onde você estará, Edgar. Será sempre meu, guardado no silêncio da terra como o carvão que se torna

diamante, tendo a eternidade à sua espera. Desejo, meu querido, que os pedaços de seu corpo nunca mais sejam um, assim como fizeste com o meu coração. Adeus – falei, ao colocar a última pá de terra sobre um novo túmulo.

Dei alguns passos e hesitei, olhando para a terra recém revolvida. Procurei seixos dos mais variados tamanhos e recobri todos os vestígios do que fizera ali. Satisfeita, dei um passo para trás, admirando a minha obra. Preparei-me para partir e enxuguei a face, marcada pela minha dor. Agachei-me e passei a mãos pelas pedras, deixando para Edgar a última lembrança daquilo que ele fizera comigo por todo aquele tempo.

– Caso deseje saber se eu um dia irei a voltar a amar alguém, só tenho algo a lhe responder – disse, ao dar-lhe as costas. – Nunca mais, Edgar. Nunca mais.

SOBRE O AUTOR

Além de escritor, leitor inveterado e autêntico cheirador de livros, este é Danilo Barbosa. Desde cedo apaixonado por literatura, via em cada aventura lida um recanto conhecido. Começou com contos, crônicas e poesias. Algumas premiadas como *Reino Solidão*. Seu primeiro romance publicado foi *Arma de Vingança*, pela Universo dos Livros. Possui também os contos publicados em formato digital *A voz*, *Um toque de solidão* e *Três Formas de Amor*, o primeiro da série *Contos Secretos*. Participou das antologias *Contos de Carnaval: deixando o abadá de lado* da Editora Novo Conceito, *O Corvo: Um livro colaborativo*, da Editora Empíreo, do qual saiu este conto.

FALE COM O AUTOR:



E-mail: autor@danilobarbosaautor.com.br
Facebook:
https://www.facebook.com/danilobarbosaautor
Site: http://www.danilobarbosaautor.com.br/

OUTROS TRABALHOS DO AUTOR NA AMAZON:

CONTOS DE CARNAVAL

– Contos de Carnaval: deixando o abadá de lado



As fantasias, os amores, os desamores, as loucuras, a alegria... Os quatro dias de carnaval podem gerar muita inspiração.

Pensando nisso, o Grupo Editorial Novo Conceito criou um livro exclusivo para o carnaval reunindo alguns de seus autores nacionais: Marina Carvalho, Tammy Luciano, Graciela Mayrink, Chico Anes, Germano Pereira, Felipe Colbert, Pedro de Camargo e Danilo Barbosa.

Cada autor utilizou seu estilo de narrativa e experiências pessoais, e teve como inspiração o carnaval de sua região.

Confira as histórias e os personagens inéditos dos seus autores nacionais favoritos em clima de carnaval.

UM TOQUE DE SOLIDÃO

– Um toque de solidão



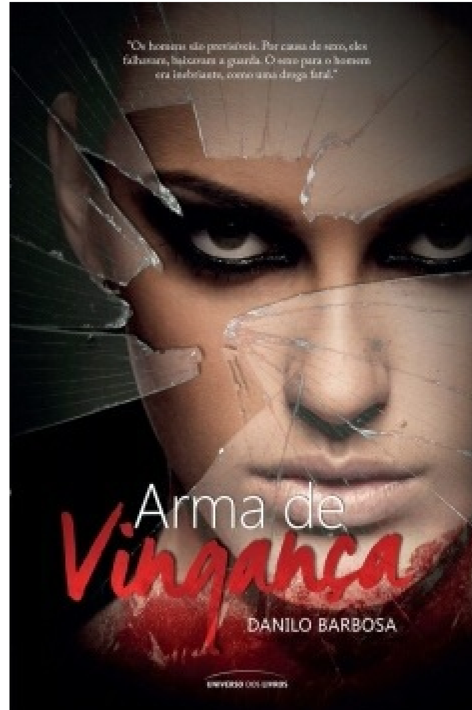
Quando duas pessoas completamente diferentes se apaixonam, tudo pode acontecer.

Bento, um nerd assumido, sabia que tinha se apaixonado pela tatuadora Ariel à primeira vista. Apesar de serem completamente diferentes, os dois tinham tudo para viverem o divertido "felizes para sempre", mas um desentendimento pode colocar tudo a perder... E agora, como dar uma final feliz para esta história? Nada que "Um toque de solidão" não resolva!

Apaixone-se por esta história inusitada, onde você irá rever o quanto perdemos da vida nas nossas rotinas. Duvido que, ao terminar esse conto, não passe a rever os próprios conceitos.

ARMA DE VINGANÇA

– Arma de Vingança



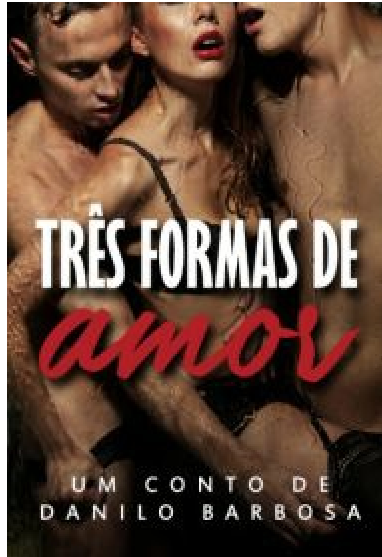
Arma de Vingança é um suspense que já figurou na lista dos e-books mais vendidos do país. O que você seria capaz de fazer por vingança? Suportaria uma vida cercada de mentiras, traições, dores, crime e morte? Ana sobreviveu e pagou o preço com marcas que o tempo nunca será capaz de apagar. Deixou para trás a inocência infantil para dar lugar a uma mulher fria e calculista, disposta a ser a perfeita arma de execução contra aqueles que tentaram destruí-la. Para atingir seus objetivos, não terá limites: irá mentir, enganar, seduzir e trair… Sem remorsos ou pena daquele que um dia julgou amar. Junto a Ana, caminhe na tênue linha entre a paixão e a obsessão e veja que até os príncipes encantados têm seu lado sombrio. Afinal, esta não é uma história de amor. "Arma de Vingança o levará ao extremo. Você ouvirá a voz do autor como um sussurro, guiando-o pelas trevas, através de situações

monstruosas, a caminho de uma frieza que congelará seus ossos." – Vanessa Bosso, autora dos best-sellers A aposta e O homem perfeito

TRÊS FORMAS DE AMOR

CONTOS SECRETOS 1

– Três Formas de Amor



Uma mulher. Dois homens. Sem regras.

Conto erótico. Recomendado para maiores de 18 anos.

Mila nunca pensou que passaria uma noite como aquela: traída pelo noivo, sentada em um bar sozinha, enchendo a cara, cantando Adele, e pensando como aquele cretino havia decidido trocá-la, um mulherão em todos os sentidos, por aquela coisinha insignificante... O que Mila nem imagina é que, assim que chegar no seu prédio, vai se deparar com uma cena deliciosamente excitante, a definição perfeita dos seus sonhos mais secretos.

Está pronto para compartilhar esta fantasia com Mila?

Danilo Barbosa, criador do best-seller Arma de Vingança, decidiu se inspirar no gênero erótico para oferecer as suas leitoras este texto. Algo que não é recomendável aos que temem e limitam as suas vontades em relação ao

sexo e ficam envergonhados diante da nudez declarada e as quebras de gênero e papéis em uma relação. Portanto, se você está disposta a ousar, não tenha medo de avançar. E fazer destas aventuras como se fossem suas.

PERIGOSAS

A DANÇA DO ASSASSINO

CONTOS SECRETOS 2

- A dança do assassino



Em busca da morte, ela descobriu o próprio prazer.

Conto impróprio para menores de 18 anos.

Juliana estava cansada de viver. Desiludida da falta de emoções no seu dia a dia, das mentiras dos marido, do trabalho que a oprimia. Triste por sentir-se como um objeto esquecido, sem importância. Não reconhecia mais, no espelho, a mulher que um dia fora.

Não tinha mais jeito: iria se matar. Mas não recorreria aos suicídios dramáticos e sem sentido, que logo eram esquecidos. Em seus últimos instantes, Juliana seria gloriosa. E para que isso acontecesse, ela contrata um misterioso assassino para que lhe toque pela última vez. Só não imaginava que ele lhe ofereceria antes prazeres que nunca imaginara na vida.

Danilo Barbosa, autor dos best-sellers Arma de Vingança e Três Formas de Amor volta mais uma vez a mergulhar no universo do sexo sem pudor ou censuras, em um impactante jogo de submissão, que você nunca mais irá esquecer. Dispa sua vergonha em mais um dos seus Contos Secretos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

Está preparado? Aproveite sem moderação.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI